Produção de sentidos dos alunos na interação com a arte contemporânea: uma experiência sensível e inteligível

Rejane Reckziegel Ledur
UFRGS/FACED

Resumo: O artigo apresenta algumas questões referentes à pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação da UFRGS que objetiva problematizar a produção de sentido na arte contemporânea, tendo o foco de investigação voltado para as experiências estéticas dos alunos na interação com a arte contemporânea, vivenciadas em saídas pedagógicas à Bienal do MERCOSUL. A pesquisa fundamenta-se no conceito de experiência de John Dewey e busca na semiótica discursiva o referencial teórico-metodológico para a análise da significação. A arte contemporânea apresenta-se como um campo de conhecimento da nossa cultura que propicia investigações relativas à sua apreensão estética e produção de sentidos. Na área pedagógica, no entanto, temos poucos parâmetros e teorias voltadas às novas linguagens artístico-contemporâneas nas quais podemos nos apoiar para subsidiar a prática de ensino. É neste contexto que se insere a presente pesquisa, que visa discutir os desafios da educação atual, a partir do olhar e da experiência com a arte contemporânea no contexto escolar.

Palavras-chave: arte contemporânea; ensino da arte; experiência estética.

A arte contemporânea como objeto de pesquisa foi se constituindo a partir das minhas indagações e experiências como espectadora de arte ao ser confrontada com as produções artísticas da atualidade que, como linguagem, desconstrói as questões tradicionais da estética. Através da experiência particular com as obras e fundamentada em diferentes referenciais teóricos fui construindo uma compreensão em torno das proposições artísticas da contemporaneidade que me instigaram a investigar as experiências estéticas dos alunos na interação com a arte contemporânea.

O conceito de experiência que fundamenta a pesquisa se apóia nos estudos de John Dewey (2010). Para o autor a experiência se constitui na relação do fazer e do ficar sujeito a algo, ou seja, da união da ação e daquilo que ela provoca na percepção que lhe confere significado. Quando a experiência caracteriza-se por ser um todo que carrega em si seu caráter individualizador e sua autossuficiência temos uma experiência *singular.* A experiência singular possui uma unidade que lhe nomeia e que é constituída por uma qualidade única que perpassa toda a experiência, qualidade essa denominada de estética.

Dewey salienta que o estético é o que proporciona em alguma medida o enriquecimento da experiência imediata e a arte emerge de uma interação entre organismo e meio, sendo que, suas qualidades não dependem apenas das pessoas

que a vivenciam, mas também das circunstâncias da experiência. Para o autor “a arte faz algo diferente que conduzir para uma experiência. Constitui uma experiência.” (DEWEY, 2010, p. 184).

As experiências que se diferenciam pela sua singularidade e que se assemelham a arte, por envolver apreciação, percepção e deleite através dos sentidos corporais e culminam numa unidade de criação de sentido, são denominadas de experiências estéticas. Segundo o autor:

> O que distingue uma experiência como estética é a conversão da resistência e das tensões, de excitações que em si são tentações para a digressão, em um movimento em direção a um desfecho inconcluso e gratificante. (DEWEY, 2010, p. 138)

O olhar para as experiências com a arte contemporânea como objeto de pesquisa justifica-se pela presença marcante destas propostas artísticas no contexto cultural local através do evento da Bienal do MERCOSUL, uma mostra de arte contemporânea que já consolidou o Rio Grande do Sul como um pólo cultural do Cone Sul. A cada dois anos a mostra causa um impacto no meio artístico e cultural da cidade, provocando discussões e promovendo o contato do público em geral com as obras. Uma das características do evento é priorizar o público escolar, investindo no projeto educativo e pedagógico, através de seminários, encontros, visitas mediadas, material educativo, disponibilizando transporte que mobilizam as escolas, os professores e alunos em torno da mostra, criando uma cultura de visita à Bienal, possibilitando, assim, a experiência com a arte contemporânea.

Os sentidos produzidos por alunos das séries finais do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Canoas, em visitas pedagógicas a 5ª, 6ª e 7ª Bienal do MERCOSUL, realizadas ao final de 2005, 2007 e 2009, respectivamente, caracterizaram-se como campo de pesquisa, sendo que os dados coletados através de entrevistas semi-estruturadas, subsidiaram a construção do meu projeto de tese de doutorado.

Para a análise destes dados apoiei-me na semiótica discursiva, tomando como ponto de partida as referências de Landowski (2003), que ressalta “as *diferenças qualitativas* que emergem entre os elementos sensíveis suscetíveis de fazer sentido” como componentes básicos de todo e qualquer processo de significação. Segundo o autor:

> Não há sentido (nem nos textos, nem nas situações vividas, nem na experiência sensível mais elementar), a não ser na presença de algum tipo de organização dos elementos submetidos à leitura, ou inclusive à simples percepção, que apresente certas diferenças que se deixem apreender como pertinentes. (LANDOWSKI, 2003, p. 10)

Para a semiótica discursiva o sentido se constrói na relação particular de cada sujeito com o texto, não procedendo apenas do modo como os textos estão estruturados, mas dependendo da posição e atitude que cada leitor assume, as quais irão fundamentar sua leitura, num determinado contexto.

Produção de sentidos dos alunos

Na experiência com a arte contemporânea observei que, ao serem questionados sobre os sentidos produzidos na interação com as obras na Bienal, os alunos geralmente mencionam emoções, sentimentos e constroem significações estabelecendo relações com outras experiências ou conceitos, nem sempre conseguindo definir ou dar um sentido para a experiência de forma inteligível, limitando-se a reconhecer que *foi legal*, que *foi diferente*.

Para exemplificar destaco algumas falas que foram bem marcantes em relação à obra *Ilusión* (Figura 1), da artista boliviana Raquel Schwartz que ficou conhecida como a C*asa Rosa*, apresentada na 5ª Bienal do MERCOSUL:



Figura 1 - Obra: *Ilusion* - Raquel Schwartz (Bolívia) Fonte: www.bienalmercosul.com.br

Renata (12 anos, 7ª série): *Olhei assim, meu Deus eu queria ter uma casa assim. Daí eu fiquei pensando deve enjoar de morar numa casa assim, mas é legal, a gente subiu lá é*

bem diferente. Tive uma sensação de aconchego, de um sonho, parece que eu deitei naquela cama, fechei os meus olhos quando eu abri de novo parecia assim que estava, sei lá, parecia que estava acordando de um sonho, que eu tinha acordado num lugar que eu não conhecia, entendeu. Um lugar muito rosa,
parecia que a gente estava viajando.

Jéssica (12 anos, 6ª série): *Eu achei muito interessante porque eu nunca tinha visto uma obra assim, por que eu nunca fui numa Bienal. Eu achei interessante porque fizeram tudo rosa, tinha copo, talher, daí tu sente uma sensação meio estranha quando tu entras lá dentro porque tu vê tudo rosa até a escada é rosa, a cama, o banheiro, a escova. Sente uma sensação boa, assim, estranha porque tu entras num lugar que tu nunca entrou, num lugar diferente.*

Nos relatos das alunas percebe-se que geralmente a entrada na obra se dá pela questão sensível que é operada pelos diferentes sentidos. Oliveira (2002) ressalta a interação na arte contemporânea como uma condição para a existência da obra em que prevalece o sensível como a dimensão mais inerente à arte. A comunicação nesse caso ocorre na presença concreta em que "atos como respirar, andar, gesticular, falar, olhar, são alguns dos sentidos vitais do visitante que têm sido usurpados para ser incorporados nessas construções" (OLIVEIRA, 2002, p. 56).

O relato da aluna Letícia descreve a experiência com a obra *Ao contrário da orientação natural* (Figura 2), que ficou mais conhecida como a "árvore sonora", vivenciada na 7ª Bienal do MERCOSUL, em que adentra na obra, fazendo-a acontecer. A apreensão da obra se operou por meio da ênfase num dos sentidos, valorizando a escuta das vozes que proporcionou a conjunção com o objeto/sujeito.



Figura 2 - Obra: *Ao contrário da Orientação Natural* (Rodrigo Vergara e José Diaz)
Fonte: DANIEL MARENCO – Zero Hora 29/10/2009

Letícia (8ª série, 14 anos): *Para mim aquele lá foi o melhor. Todos estavam ótimos, mas aquele lá foi melhor. Eu botei assim o fone e fiquei de olhos abertos e tinha um monte de gente passando, mas a gente não presta atenção. Daí eu abaixei a cabeça assim e fechei os olhos, daí parecia que a gente estava no meio e aquelas vozes em volta falando foi tri massa. Eu entrei na obra junto com eles, eu fechei os olhos e parecia que estava todo o mundo em volta falando. Foi o que eu mais gostei, os outros estavam legais, aquele lá foi mais...*

Greimas (2002, p.70) salienta que para dar conta do fato estético é necessário estender o gênero de análise aos canais sensoriais, é por meio deles que se efetua a apreensão daquilo que é não sujeito para o sujeito. O autor destaca que "as ordens sensoriais estão dispostas em extratos de profundidade", em que tanto o sincretismo como o exclusivismo sensorial podem ser considerados como elementos enriquecedores da comunicação.

No tratamento semiótico da estesia, Landowski (2005, p.129) reforça a necessidade de articular as duas dimensões da experiência: "o *sentir* por um lado, com seu caráter imediato e, por outro, a reflexividade do *conhecer* e do *entender*", tendo em vista que no plano do "vivido" a experiência estética dificilmente convoca um deles sem mobilizar também o outro.

A experiência da aluna Sabrina com a vídeo-instalação *A boca do Jarro* (Figura 3), da artista Ana Gallardo, na Mostra Ficções do Invisível, na 7ª Bienal do MERCOSUL, ilustra essa articulação:



Figura 3 - Vídeo instalação a boca de Jarro (Ana Gallardo)
Fonte: http://www.youtube.com/watch_popup?v=z8DjaDKHBiI&vq=medium#t=42

Sabrina (14 anos, 7ª série): *O que me chamou atenção era uma de um vídeo que a gente não pode ver porque não estava funcionando. Depois quando a gente passou por ali de novo já estava funcionando e eu parei para prestar atenção. Tinha uma mulher de vermelho e a música que estava legendada falava sobre "um pai, um vizinho", sobre o estupro. Foi o que me chamou atenção, a música dava o ritmo. Daí eu parei, prestei atenção e fiquei olhando e eu achei bem interessante a proposta. A mulher de vermelho cantando um tango, só que o tango falava de uma realidade, o que eu li era que sempre um familiar, uma pessoa próxima da família, do abuso infantil. E tinha um sofá e uma cadeira para a gente sentar e realmente prestar atenção à realidade. Eu gostei, desse eu gostei.*

A aluna destaca na sua fala alguns elementos do plano da expressão, destacando a linguagem visual, sonora e escrita presentes na estruturação da proposta, que articulados ao plano do conteúdo, o abuso infantil cometido por familiares, construíram a significação em torno da proposta.

Nas entrevistas realizadas, observo que os alunos demonstram muitas vezes dificuldade de compreensão e entendimento das obras, relatando a perturbação cognitiva e sensorial que o encontro com a arte contemporânea provoca. Como demonstra o depoimento de uma aluna:

Graziele (14 anos, 7ª série): *Eu não entendi nada do que estava lá para falar a verdade porque tem umas coisas com vidros, com ferros, tu não entendes nada! Porque tu sai*

cheia de dúvidas dali. Muitas dúvidas, muita incompreensão, até hoje a gente não compreende, mas sabe que foi bom, que foi legal, que foi uma experiência diferente, só que a gente não compreende o que a gente sente. Quem sabe um dia eu não me lembre daquela obra e compreenda o que eu senti naquela hora, talvez hoje eu não entenda, quem sabe um dia... Ou de repente a gente leve para a nossa vida e olha só, na Bienal eu vi uma coisa assim e agora eu estou vendo na minha vida o que ele queria passar...

As experiências relatadas pelos alunos podem ser comparadas com "a história de uma lenta e perseverante busca de sentido", que segundo Landowski (2005, p.101), caracteriza as escapatórias propostas por Greimas na segunda parte do livro *Da Imperfeição*. Nas *escapatórias* a experiência estética parte de um trabalho de construção realizado pelo sujeito, através de escolhas pessoais. Nesta obra, Greimas abre possibilidades para investigar problemas pouco explorados no campo da semiótica, como as noções de estética e estesia, consideradas tanto no plano da sensibilidade como do surgimento do inteligível.

Landowski (2002, 2005) amplia e dá continuidade a teoria, propondo uma *semiótica da experiência sensível* ou *sociossemiótica*, que volta sua atenção para as condições de emergência da significação na dinâmica dos discursos e práticas sociais que são vividas pelos sujeitos "reais".

É, portanto, apoiada na concepção *construtivista* da experiência estética, apontada por Greimas e aprofundada por Landowski que encontro elementos para analisar a emergência e o modo de existência do sentido na experiência estética com a arte contemporânea.

A significação produzida pelos alunos na interação com a arte contemporânea ainda é pouco problematizada como experiência estética no contexto escolar, podendo ser muito significativa e resultar numa experiência singular com a arte.

Referências:

DEWEY, John. *Arte como Experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Da Imperfeição*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

LANDOWSKI, Eric. *Para uma semiótica sensível*. Revista Educação & Realidade – v.30, n.2 (jul/dez). Porto Alegre: UFRGS, 2005. p.93-106.

_____. *Aquém ou além das estratégias, a presença contagiosa*. Documentos de Estudo Centro de Pesquisas Sociossemióticas, n3. São Paulo: Edições CPS, 2003.

_____. De imperfection, o livro do qual se fala. In: GREIMAS, Algirdas Julien. *Da Imperfeição*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. Visualidade, entre significação sensível e inteligível. In: *Dossiê Arte e Educação: Arte, Criação e Aprendizagem*. Porto Alegre: Educação & Realidade – v.30, n.2 (jul./dez.), UFRGS, 2005.

_____. Convocações multissensoriais da arte no século XX. In: PILLAR, Analice D. (Org.) *A Educação do olhar no ensino das artes.* Porto Alegre: Mediação, 2003.

_____. *A interação na arte contemporânea*. In: Revista Galáxia 4, São Paulo, EDUC, 2002.